



## Formação docente e contextos juvenis: um olhar multifacetado

Priscylla Karoline de Menezes<sup>1</sup> - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6659-2799>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil\*

*Artigo recebido em 03/11/2024 e aceito em 08/11/2024*

### RESUMO

Esse artigo é parte da reflexão realizada a partir do estado da arte realizado no grupo GEOCONCEITO, a fim de compreender a formação do professor de Geografia e como discutir com uma juventude cada dia mais multifacetada. Tem por objetivo discutir a necessidade do professor desenvolver desde sua formação inicial o hábito de refletir sobre suas práticas e conseguir comunicar com os saberes locais de seus alunos. Sendo assim, a partir de uma discussão teórica, demonstramos que a juventude é uma temática que veio se consolidado como temática urgente nas Ciências Humanas e Sociais, especialmente sofrerem influência direta do crescimento populacional e econômico do Brasil. Nesse sentido, pensar a formação do professor de Geografia e a importância do profissional saber refletir sobre os sujeitos e seus espaços de vivência, para uma efetiva construção do conhecimento geográfico.

**Palavras-chaves:** formação de professores; ensino de geografia; juventude.

### Teacher training and youth contexts: a multifaceted perspective

### ABSTRACT

This article is part of an ongoing reflection within the GEOCONCEITO research group, aimed at understanding the training of geography teachers and how to engage with an increasingly multifaceted youth. It aims to discuss the need for teachers to develop, from their initial training, the habit of reflecting on their practices and connecting with the local knowledge of their students. Thus, based on a theoretical discussion, we demonstrate that youth has become a pressing issue in the Human and Social Sciences, especially due to the direct influence of Brazil's population and economic growth. In this sense, this article reflects on the training of geography teachers and the importance of professionals being able to reflect on their students as subjects and their living spaces, for an effective construction of geographical knowledge.

**Keywords:** teacher training; geography teaching; young people.

\* Doutora em Geografia e Professora do curso de Geografia da Universidade Federal do Pernambuco. E-mail: [priscylla.menezes@ufpe.br](mailto:priscylla.menezes@ufpe.br)

## **Formación docente y contextos juveniles: una mirada multifacética**

### **RESUMEN**

Este artículo forma parte de la reflexión realizada a partir del estado del arte llevado a cabo en el grupo GEOCONCEITO, con el objetivo de comprender la formación del profesor de Geografía y cómo dialogar con una juventud cada vez más multifacética. Se propone discutir la necesidad de que el docente desarrolle, desde su formación inicial, el hábito de reflexionar sobre sus prácticas y de conectar con los saberes locales de sus estudiantes. De esta manera, a partir de una discusión teórica, demostramos que la juventud se ha consolidado como una temática urgente en las Ciencias Humanas y Sociales, especialmente debido a la influencia directa del crecimiento poblacional y económico de Brasil. En este sentido, se reflexiona sobre la formación del profesor de Geografía y la importancia de que el profesional sepa reflexionar sobre los sujetos y sus espacios de vida, para una construcción efectiva del conocimiento geográfico.

**Palabras clave:** formación de profesores; enseñanza de la geografía; juventud.

### **INTRODUÇÃO**

As tentativas de definir o que é ser jovem e/ou o que é a juventude há um tempo é objeto de estudo de diversas áreas de pesquisa das ciências humanas e sociais e ganha cada vez mais destaque. Sua visibilidade está ligada à construção social da “condição juvenil”, moldada por contextos históricos e sociais específicos (Cardoso e Turra Neto, 2011). Nessa perspectiva, estudos relacionados às questões espaciais incorporando conceitos e categorias comumente abordados nos estudos geográficos como território, lugar e suas derivações somaram-se às tentativas de definições dos contextos em que a juventude se desdobra.

Seria a juventude uma identidade social genérica que assumimos em uma certa fase de nossas vidas? Ser jovem é experienciar os espaços cotidianos da mesma forma? De acordo com Gamalho e Heidrich (2012), as pessoas vivenciam situações diferentes de espaço e tempo devido aos contextos sociais, econômicos, políticos, culturais e identitários. Desse modo, afirmamos que a juventude e especialmente o jovem deve ser pensado no plural.

Ciente das disparidades socioculturais existentes entre o campo e a cidade e entendendo que os processos educativos que se realizam fora da instituição escolar, tem ocupado espaço na reflexão educacional e sociológica no nosso país; esse trabalho visa considerar uma educação que consiga comunicar-se com os saberes locais e, com as necessidades e anseios dos jovens estudantes que vivenciam diferentes contextos. E entender como o professor de Geografia em sua formação inicial é levado a pensar sua prática e o cotidiano de seus discentes.

A discussão sobre a formação do professor de Geografia enfatiza a necessidade do profissional aprender a refletir sobre sua prática. Nessa perspectiva, discute-se que ensinar vai além de reproduzir conhecimentos adquiridos na academia, uma vez que é preciso se posicionar de forma crítica e reflexiva para, então, compreender o lugar em que está inserido e seu papel enquanto sujeito.

A reflexão sobre a Geografia e suas diferentes possibilidades de abordagens na Educação Básica estabelece pontos iniciais sobre o ensino e suas implicações na sociedade. Uma referência para o modo de conduzir e orientar este componente curricular, o modo de focar o conteúdo e de dar encaminhamento às atividades nos diferentes anos e salas de aula. Nesse sentido, pensar as questões atinentes ao método de ensino, o modo de guiar o processo de ensino-aprendizagem para que o estudante aprenda Geografia e se desenvolva intelectualmente, como sujeito de conhecimento, é uma reflexão que pressupõe a necessidade de discussão sobre os elementos do processo de atuação docente e especialmente sobre a presença dos conceitos geográficos e suas abordagens na Educação Básica.

Desse modo, visando atender a proposta deste artigo (apresentar uma das reflexões realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia e Construção de Conceitos Geográficos – GEOCONCEITO, na área de Ensino de Geografia do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco) trazemos um estudo teórico, de cunho reflexivo, resultado de um estado da arte. Assim, a fim de considerar como o Ensino de Geografia veio se aproximando dos contextos juvenis, em sala de aula, organizamos o texto em dois momentos: o primeiro – os jovens e a educação como elementos de análise; e o segundo – a importância da reflexão sobre os diferentes contextos de ensino na formação do professor de Geografia.

## **JOVENS E EDUCAÇÃO: ELEMENTOS DE UM COMPLEXO CONJUNTO DE ANÁLISES**

O jovem veio sendo realçado, nas pesquisas, quanto às suas mudanças de valores e comportamentos sociais nas últimas décadas. Indivíduos classificados segundo a faixa etária de 15 a 24 anos, pelos órgãos de pesquisa e legislação, nas últimas décadas passaram a ser considerados quanto a sua trajetória de vida e papéis sociais, o que lhes confere o direito ao “prolongamento” ou “encurtamento” de seu tempo de juventude, tempo que, segundo Novaes (2006), está claramente ligado à sua classe social.

Ao pensarmos o jovem que, consoante Lei Federal nº 12.852/2013, passou a ter garantido em lei o direito à participação social e política, à educação de qualidade, à profissionalização, à comunicação, ao território e à mobilidade, somos instigados a refletir sobre como podemos visualizá-

lo em seu contexto espacial, e a nos questionar quanto à sua forma de vivenciar o mundo e exercer sua condição juvenil frente às constantes alterações socioespaciais vivenciadas. E como esta experiência vem se relacionando com as aulas de Geografia, na escola que frequenta.

Nas palavras de Rizzini et al. (2009), a juventude é a parcela da sociedade mais afetada pelos problemas sociais, e limitada quanto a suas possibilidades de mobilidade e bem-estar social. Os jovens, segundo o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a situação da população mundial, publicado em 2021, representam 22,5% da população mundial. No Brasil, os dados do Censo demográfico de 2022 apontam que 14,62% da população brasileira está classificada como jovem, conforme legislação. Parcela da população que, muitas vezes, carrega marcas geradas por problemas em sua formação profissional, discriminação de gênero, social, etária e espacial.

Destacando o olhar especialmente para os jovens que moram no Campo, que segundo Castro (2017), estão situados em meio a uma cruzada entre a dependência e a autonomia social e econômica, os jovens realçam os fortes embates quanto à sua posição hierárquica subalterna. Com o peso da autoridade paterna nas relações no Campo, o jovem encontra, no espaço doméstico e em parte dos espaços sociais a que tem acesso, uma forte subordinação ao que entendemos por “vida adulta”.

Esta relação de subordinação, trazida desde as gerações passadas, vai se configurando em constantes conflitos e frustrações entre gerações que, muitas vezes, resultam na rejeição da continuação da vida no Campo e em uma negação ao mundo tal como estão inseridos. Esse comportamento de rejeição assumido pelos jovens, para Novaes (2007, p. 7), é comum a esta parcela da população e, muitas vezes, independe de estar no Campo ou na Cidade, pois “ser jovem é viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e, ao mesmo tempo, grandes expectativas de emancipação”.

Convivendo com o paradigma construído historicamente, que referenciava a mulher aos espaços privados, ao trabalho doméstico e à determinação do espaço social diferenciado dos homens, as jovens há muito tempo vêm se organizando contra esse modelo social. Movimento que Castro (2009) afirmam ter sido intensificado a partir da década de 1990, com o surgimento de movimentos sociais que militam sobre o tema. No entanto, esse comportamento ainda hoje não foi extinto, uma vez que o controle social da mulher, sobretudo das filhas solteiras, está originado principalmente no interior da família e aparece muitas vezes na reprodução das relações patriarcais.

Subordinadas inicialmente às regras e à vigilância do pai e, posteriormente, às regras do marido, muitas jovens – especialmente aquelas que moram no Campo – na atualidade têm percebido

a oportunidade de sair de casa para estudar, como uma forma de se desvencilhar de tal processo. Apoiadas pela família a procurar melhores condições de emprego e de salário, por meio da continuação dos estudos, as jovens aparecem com maior destaque nos números referentes à migração temporária e/ou permanente de jovens do Campo para a Cidade (Castro, 2009). Sabemos que esse é um processo que não é comum a todas as jovens, pois depende de sua condição econômica e contexto familiar. Porém, é um aspecto importante que deve ser ressaltado, uma vez que é apontado por diferentes autores, entre eles Carneiro (1998), Castro (2009) e Menezes (2014), como um dos responsáveis pelo processo de masculinização do campo.

A masculinização do Campo não é foco deste estudo, mas achamos importante destacar que Abramovay (2005), em seu levantamento sobre juventude rural e suas possíveis oportunidades no mundo contemporâneo, atestou que os rapazes são estimulados a permanecer no campo, e/ou a estudarem para dar continuidade às atividades agrícolas nesse novo contexto econômico. Contudo, são jovens que muitas vezes também discordam do modelo patriarcal assumido pela sociedade camponesa, e não fogem de confrontos, principalmente quando discutem os modelos de produção, distribuição de funções e obrigatoriedade de sucessão.

Os conflitos apesar de não ser comum a todos e de depender do contexto social e econômico em que está inserido, deixa marcas que chegam aos espaços escolares e influenciam o sujeito em sua forma de olhar o mundo. Segundo Caldart (2009), é papel da instituição de ensino e de seus professores, ver maneiras de ajustar-se aos sujeitos que dela necessitam, respeitar suas realidades e saberes e buscar compreender suas formas de aprender e ensinar. Especialmente porque assim podem proporcionar ao indivíduo a possibilidade de emancipação e discussão de sua realidade.

A juventude de Campo, que muito se assemelha com a juventude periférica das Cidades, necessita da chamada “sensibilidade pedagógica” – defendida por Caldart (2009, p. 94) – que significa a abertura para a reflexão e acolhida desses sujeitos. Comportamento que pode influenciar na compreensão/construção dos conhecimentos geográficos desses sujeitos, que segundo a autora supracitada, muitas vezes são invisíveis às políticas públicas de assistência e sentem-se perdidos nas encruzilhadas dos caminhos para a vida adulta.

Para que haja reflexão é necessário que o professor compreenda o espaço em que está inserido e, além disso, assumo-se como sujeito desse lugar e história. Para que assim tenha condições de observar suas práticas pedagógicas permanentes e retirar delas, lições que o permita interagir com essa juventude e sua diversidade. Sabemos que o professor é, também, um sujeito que tem sua história,

sua subjetividade e em sua personalidade tem suas concepções sobre as diferentes dimensões e os diversos aspectos da vida. Desse modo, sua vivência com os estudantes e no ambiente escolar condiciona seu modo de envolvimento nas atividades de ensino e aprendizagem para além de sua formação e das capacidades que lhe são demandadas pela profissão (Cavalcanti, 2024).

Enfim, ao pensarmos em todo esse processo e contexto apresentado e que as escolas recebem jovens estudantes de todas as localidades próximas, e em muitos casos, educandos do Campo e da Cidade, pergunto: O professor tem em sua formação docente o preparo para atuar com as diferentes realidades que encontrará em seu trabalho? O curso de licenciatura em Geografia tem se preocupado em formar professores capazes de refletir e se aproximar da realidade que envolve o espaço escolar? Bem, essa discussão quanto à formação docente do professor, em especial o de Geografia, é objeto de discussão do próximo tópico desse artigo.

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A CONSTANTE NECESSIDADE DE REFLEXÃO**

Sobre o processo de formação do professor, diferentes autores vêm aprofundando suas pesquisas e discutindo o assunto. No que tange à Geografia, Callai (2013) afirma que a formação do docente deve estar referida a dois momentos: primeiro a uma habilitação formal, restrita a duração do curso de licenciatura; e segundo à formação num processo, que deve ser permanente e decorre de pensar a própria prática e atualizar-se. Portanto, refletir a própria prática é fundamental para o professor. Ainda mais quando pensamos que esse profissional trabalha com uma ciência capaz de dialogar com as demais disciplinas e de articular construção do conhecimento do lugar com os saberes sociais.

Nessa perspectiva, entendemos que a formação do professor, deve ainda considerar a confluência de grandes campos do saber como: o claro domínio dos objetos e conteúdos decorrentes da Geografia; os avanços teóricos e metodológicos referentes à Educação e seus processos; e as teorias do conhecimento, as quais buscam a compreensão de como ocorre às ações de aprendizagem. Além de dar condições ao licenciando de transformar suas leituras e as discussões e exposições feitas em sala num conhecimento próprio organizado. Ou seja, cada disciplina do curso de formação de professores de Geografia deveria trazer em si a dimensão técnica e a dimensão pedagógica, proporcionando ao professor uma base para saber o que vai ensinar, como e por que vai ensinar (Callai, 2013).

Segundo Cavalcanti (2024), deve haver um entrelaçamento entre os conhecimentos da Geografia, a Formação pedagógico-didática e os conhecimentos da Geografia Escolar para que a formação do professor de Geografia consiga desenvolver, no licenciando, uma concepção sobre sua atuação profissional. Diante de uma sociedade complexa e em contextos instáveis, como afirma a autora, essa forma de organização dos conhecimentos e novos modos de reflexão para a educação e formação de professores tornam-se fulcral para o desenvolvimento das discussões relacionadas à formação do professor de Geografia.

Segundo Nóvoa (2007, p.14):

A formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer. É desesperante ver certos professores que têm genuinamente uma enorme vontade de fazer de outro modo e não sabem como. Têm o corpo e a cabeça cheios de teoria, de livros, de teses, de autores, mas não sabem como aquilo tudo se transforma em prática, como aquilo tudo se organiza numa prática coerente. Por isso, tenho defendido, há muitos anos, a necessidade de uma formação centrada nas práticas e na análise dessas práticas.

Pensar o ensino superior nessa perspectiva é, portanto, superar as práticas pedagógicas que fazem do ensino um fim em si mesmo, que fazem da sala de aula e do conteúdo das disciplinas um espaço-tempo caracterizado pela homogeneidade e monólogos sem fim.

É preciso considerar que o ensino de Geografia cada dia mais precisa ser trabalhado de maneira menos distanciada da realidade social do aluno, bem como precisa desenvolver a reflexão da condição humana, para além da simples habilidade de orientação, leitura e interpretação do espaço. Como afirmou Cavalcanti (2012), é preciso que o professor de Geografia domine mais do que a matéria em si, ele deve saber estruturar o conteúdo em função da aprendizagem de seus alunos, e ir além da interpretação da realidade local e do mundo. Ele deve, igualmente, procurar entender os mecanismos que levaram aquele espaço a ser construído daquele modo e interpretá-lo de acordo com o contexto em que se insere.

Considerando que o Ensino Fundamental e o Médio não são resumos do saber universitário, como destacou, precisamos considerar realidades com que o professor de Geografia pode se deparar no cotidiano escolar, e levar em consideração as espacialidades em que se inserem as escolas em que atua. Uma vez que, para se construir conhecimento geográfico nesses níveis, é preciso operações mais complexas e estruturas mais autônomas que a repetição com simplificação do saber geográfico universitário.

O estado do Pernambuco, por exemplo, segundo o Censo Escolar de 2019 apresentava 479.573 jovens escolares matriculados no Ensino Médio e Educação do Jovens e Adultos, distribuídos entre escolas em áreas urbanas e rurais, como demonstrado na Tabela 1. Desse modo, é possível afirmar que tem alunos e professores que encontram em seu cotidiano escolar diferentes contextos, que justificam a preocupação com uma melhor abordagem do Ensino, especialmente, do ensino de Geografia.

Tabela 1 - Número de jovens matriculados no Ensino Básico do estado de Pernambuco em 2019

	Rural	Urbano	Total
Ensino Médio	18.116	275.938	294.054
EJA	30.882	154.637	185.519
Total	48.998	430.575	479.573

Fonte: Censo Escolar, 2019.

Nesse sentido, ao pensarmos a construção do conhecimento geográfico, construído intelectualmente como produto social e histórico, que se constitui como ferramenta para mediações simbólicas que podem ajudar o sujeito a se relacionar com o meio e seus sujeitos, haja vista que o conhecimento não é mera reprodução da realidade, mas aproximação da realidade e de sua construção teórica; é possível entender, assim como Cavalcanti (2024), que a reflexão da dimensão pedagógica em situações formativas propicia ao professor produzir sua concepção e seus objetivos específicos.

Para Cavalcanti (2024, p. 162), é preciso termos claro que:

A função central do professor é pois, ensinar. Mas o que é ensinar? Ensinar é uma atividade profissional complexa e dinâmica, sendo que para exercê-la exige-se formação específica, consistente e continuada. [...] para ensinar Geografia não basta saber Geografia. É preciso saber ensinar os conhecimentos dessa disciplina de modo que outras pessoas os aprendam.

Sendo assim, a formação do professor de Geografia necessita orientar para a transformação do fenômeno educativo, e para isso é preciso fazer uma opção política sobre as finalidades de ensinar de forma articulada com uma proposta de sociedade (Cavalcanti, 2024). Ao assumir essa postura, vincula-se ao compromisso de desenvolvimento da sociedade em oposição às injustiças sociais. E com o entrelaçamento da dimensão técnica e pedagógica, em cada disciplina cursada ao longo do curso de formação de professores, é possível formar professores capazes de pensar a própria prática.

Como os professores estão sempre se utilizando da reflexão para agir nas urgências e decidir nas incertezas, buscar a reflexão na formação de professores é imprescindível para o trabalho e a formação deste profissional (Lüdke, 2001). Contudo, destacamos que, para que haja uma reflexão sobre a experiência sem restrição às situações imediatas, é necessário um aporte teórico e um conjunto de saberes específicos e estruturados em diferentes áreas. Desse modo, o professor precisa

desenvolver sua apropriação teórico-crítica das realidades, considerando os contextos concretos da realidade; além de apropriar-se de metodologias de ação, para facilitar seu trabalho docente e resolver problemas de sala de aula; e por fim, considerar os contextos sociais, políticos, institucionais na configuração da prática escolar (Libâneo, 2014).

Como a formação docente é um processo amplo que trata da formação integral do indivíduo, Cavalcanti (2012) chamou atenção para a relevância de se viabilizar a reflexão sobre suas práticas formativas, mas de forma que esta supere dificuldades identificadas na prática. Haja vista que é a intensão formar profissionais com domínio do campo geográfico capazes de refletir sobre métodos e conceitos para a construção do componente Geografia. Nesse sentido, não se cobra a memorização e reprodução de conhecimentos geográficos, mas sim a construção e reconstrução de conhecimentos e seus significados e posição sobre as finalidades da Geografia em sua proposta de trabalho. Para assim conseguir articular a prática com a teoria e então definir o que, para e como ensinar (Cavalcanti, 2012).

O desenvolvimento profissional e do “saber ensinar”, também é de responsabilidade do professor, mas discutir o tema nos cursos de formação de professores possibilita ao licenciando desenvolver sua capacidade de refletir quanto as características dos seus alunos, do espaço escolar em que está inserido e da comunidade que o cerca. O que o ajudará a considerar as culturas e as práticas sociais do grupo e conseqüentemente em sua relação com a classe.

No caso da Geografia, ao discutir o meio onde os sujeitos estão circunscritos e suas relações, é preciso levar em consideração que o estudante produz e se apropria do lugar com suas vivências e com seu desenvolvimento cognitivo, torna-se capaz de problematizar e aprender pela Geografia. Como destacou Cavalcanti (2024, p. 59)

Ensinar e aprender formam uma unidade dialética, uma práxis social realizada por e entre seres humanos, que se modificam no processo situado e contextualmente. Sendo assim, torna-se relevante acentuar o caráter relacional e mediado do processo, esclarecendo que sua efetivação ocorre por pessoas que estão em atividade voltada ao conhecimento [...].

O que nos permite afirmar a necessidade de se formar professores para atuarem de forma a considerar os diferentes contextos vivenciados pelo Brasil. Seja em escolas urbanas ou rurais, em capitais ou interiores. Considerando que os estudantes são ativos em seu processo de aprendizagem e por isso é importante que sintam que o que estudam na escola tem significado para eles. Nesse sentido, tem-se a possibilidade de novamente humanizar o ensino, que teve seu caráter humano perdido com o acelerado crescimento econômico do país, e sua necessidade de formar cada vez mais

rápido mãos de obra especializadas. Ações que também influenciaram as escolas, as quais passaram a esquecer de ajustar sua forma e conteúdo, aos sujeitos que delas necessitam.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Certamente, há muito que refletir sobre a temática tratada nesse artigo e sobre os possíveis caminhos para se pensar a prática pedagógica do professor de Geografia. Algumas questões ficaram em aberto para estudos posteriores. No que diz respeito à importância deste artigo, é esperado que ele possa contribuir para que os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e formação de professores reflitam sobre sua prática docente.

No que se refere à formação docente, percebemos que uma boa formação se constitui premissa necessária para o desenvolvimento de um trabalho docente de qualidade. Porém, essa qualidade também está associada à visão política e social que esse professor atribui à sua disciplina na formação do estudante e ao seu papel como mediador de condições para a reflexão e o acesso ao conhecimento e construção de um pensamento geográfico.

A partir das reflexões realizadas, retomamos as perguntas feitas anteriormente: O professor tem em sua formação docente o preparo para atuar com as diferentes realidades que encontrará em seu trabalho? O curso de licenciatura em Geografia tem se preocupado em formar professores capazes de refletir e se aproximar da realidade que envolve o espaço escolar? De acordo com nosso levantamento bibliográfico, a reflexão ainda aparece de maneira tímida nos cursos de licenciatura em Geografia, contudo já vem se tornando pauta nas discussões de professores que se dedicam a compreender os processos formativos do professor de Geografia e sua atuação.

Enfim, pensar em uma educação que atenda à essa nova demanda social e estudantil, e que discuta esse novo contexto a que os jovens estão inseridos é de fundamental importância; haja vista a possibilidade de atender aos anseios de uma população que por muito tempo esteve marginalizada, e como dito anteriormente, invisível às políticas públicas e que a cada dia mais movimenta-se em busca de melhores oportunidades.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. Juventude rural: ampliando as oportunidades. In: **Raízes da Terra**: parcerias para a construção de capital social no campo. Secretaria de Reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília – DF, Abril de 2005, Ano 1, n. 1. Disponível em: <http://www.creditofundiario.org.br/materiais/revista/artigos/artigo05.htm>. Acesso em: 08 out. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 12.852**, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm). Acesso em: 13 ago. 2020.
- CALDART, Roseli Salete. A escola do Campo em Movimento. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.). **Por Uma Educação do Campo**. 4ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009, p. 89-134.
- CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da Geografia – o Professor**. Ijuí: Editora Unijui, 2013.
- CARDOSO, D. S. da.; TURRA NETO, N. Juventude, Cidade e Território: esboço de uma geografia das juventudes. In: **Seminário de Pesquisa Juventude e Cidade**, 1, 2011, Juiz de Fora. Disponível em: <https://www.ufjf.br/nugea/files/2019/09/JUVENTUDE-CIDADE-E-TERRIT%C3%93RIO-ESBO%C3%87OS-DE-UMA--GEOGRAFIA-DAS-JUVENTUDES.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.
- CARNEIRO, M. J. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T.; SANTOS, R.; COSTA, L. F. C. **Mundo rural e política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Rio de Janeiro: Contracapa, 2017.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. **Os jovens estão indo embora?** juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica; EDUR, 2009.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensinar e Aprender Geografia**: elementos para uma didática crítica. Goiânia: C & A Alfa Comunicação, 2024.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O Ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- GAMALHO, N. P.; HEIDRICH, A. L. “A gente é da vila mas não é bandido!” **O lugar e a juventude nas representações sociais dos jovens do bairro Grajuviras - Canoas/RS - Brasil**. Para Onde? v. 6, n. 1, p.57-63, jan./jun, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/122642>. Acesso em 03 ago. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades@ - **Sinopse do Censo Demográfico 2022**. In: Censo Demográfico 2022. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> . Acesso em: 5 mai. 2023.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse estatística**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp>. Acesso em: 14 jan. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática e Docência: formação e trabalho de professores da educação básica. In: CRUZ, G. B. da; OLIVEIRA, A. T. C. C. de; NASCIMENTO, M. G. C. A. (Org.). **Ensino de didática: entre recorrentes e urgentes questões**. Rio de Janeiro: Quarter, 2024.

LÜDKE, Menga. A complexa relação entre o professor e a pesquisa. In: ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. (org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papirus, 2001.

MENEZES, Priscylla Karoline de. **Ser jovem, ser estudante, ser do campo: A concepção de rural e urbano para jovens estudantes em escolas públicas das cidades de Goiânia e Trindade**. Universidade Federal de Goiás. 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4074>.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M. de, EUGENIO, F. (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NÓVOA. António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Livreto publicado pelo Sindicato dos Professores de São Paulo, 2007.

RIZZINI, I. et al. Percepções dos jovens sobre a influência dos adultos em seus processo de engajamento político-social. In: GUIMARÃES, M. T. C.; SOUSA, S. M. G. (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Goiânia: Editora UFG: Cãnone Editorial, 2009.